

O mapa da inequidade na Arquitetura e Urbanismo:

*O censo do CAU sob um olhar
interseccional*

palavras-chave

arquitetura

planejamento territorial urbano

conselho profissional

gêneros (grupos sociais)

equidade

sexismo

feminismo

trabalho feminino

relações étnicas e raciais

racismo

pessoas com deficiência

problema de pesquisa

verbo	variável	unidade de análise	recorte temporal
mapear	inequidades na profissão	de forma interseccional	a partir do censo do CAU de 2020

objeto de pesquisa:

2º Censo dos Arquitetos e das Arquitetas e Urbanistas 2020
promovido pelo CAU/BR



45.383 (25%) de 180.000 arquitetos e urbanistas

resumo

As teorias pós-estruturalistas do final do século XX reformularam a forma de compreender a formação das identidades e subjetividades, assim como a própria produção do saber. A crise dos modelos do mundo central deu lugar ao pluralismo, abrindo espaço para perspectivas até então deixadas às margens das estruturas hegemônicas. A partir dessa premissa, para responder à pergunta

“quem são os profissionais de arquitetura e urbanismo do Brasil?”,

é necessário compreendê-los como um grupo heterogêneo com múltiplas vivências e diferentes obstáculos para acessar e permanecer na profissão. O presente estudo busca mapear as inequidades inerentes ao exercício profissional a partir das informações do 2º Censo do CAU/BR, realizado em 2020. Pretende-se, a partir de uma análise interseccional dos dados, confrontar as experiências do homem cisgênero, branco e sem deficiência à dos grupos desviantes da norma, para se confirmar que quanto maiores as sobreposições de marcadores de diferença (nas categorias gênero, raça e deficiência), maiores serão as vulnerabilidades impostas a esses indivíduos ao longo da carreira.

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5



- 1 – registro válido em todo o país
- 2 – sistema único de informação
- 3 – informações georreferenciadas

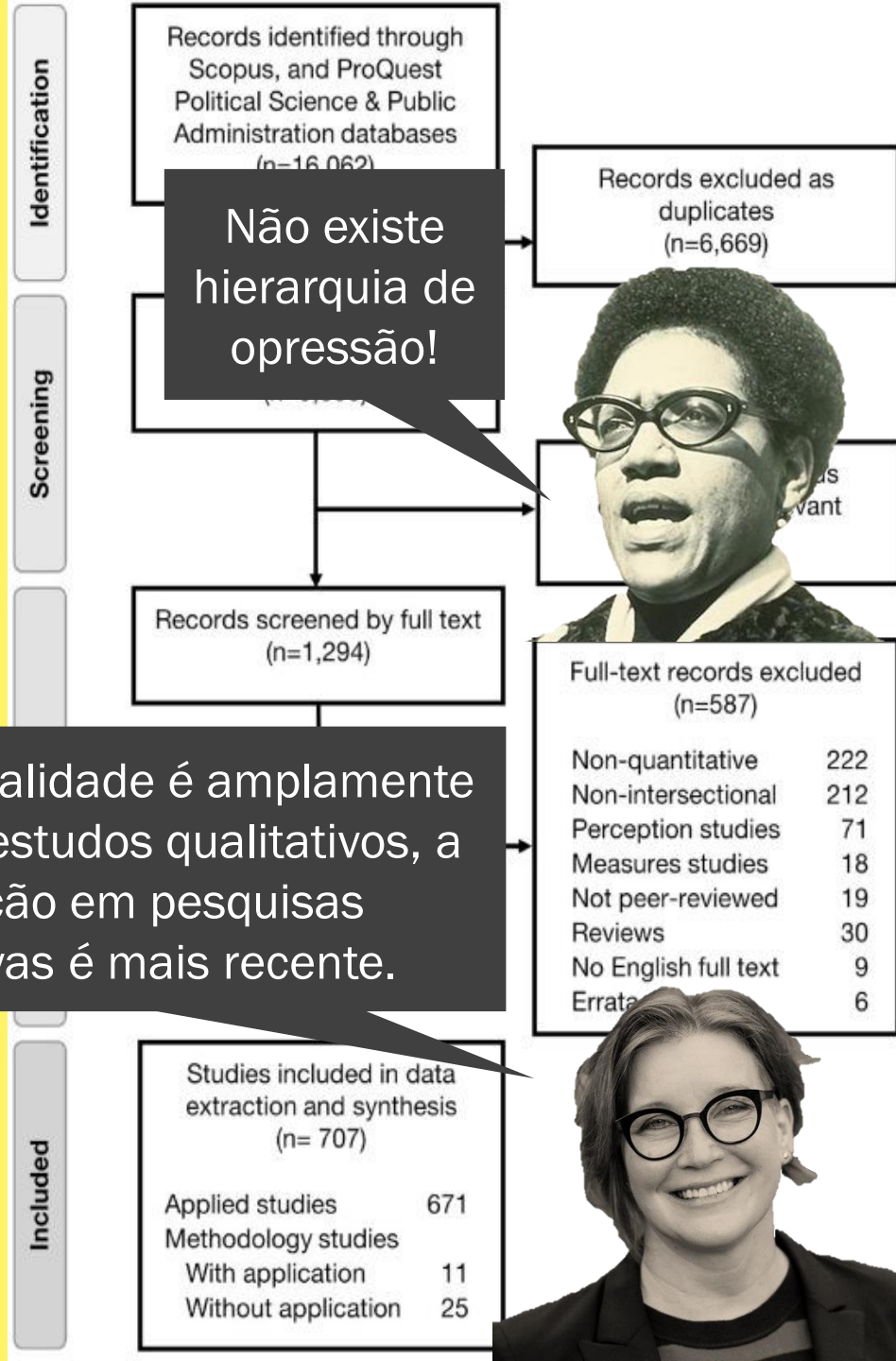


É preciso aumentar significativamente a disponibilidade de dados de alta qualidade, atuais, confiáveis e desagregados.



A coleta de dados robustos, desagregados e interseccionais exige abordagens inovadoras p/ capturar as experiências de grupos. É preciso enfrentar dilemas difíceis entre produzir estatísticas robustas e evitar a exclusão.

A interseccionalidade é amplamente utilizada em estudos qualitativos, a sua adoção em pesquisas quantitativas é mais recente.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5

categorias de invisibilização das arquitetas na historiografia:

- [1] negação da autoria
- [2] proibições legais
- [3] falsa categorização
- [4] minimização dos aportes
- [5] reforço a estereótipos
- [6] má fé

Na profissão, nós,
mulheres negras, nos
afogamos nas
profundezas do oceano.

Eu não sou uma
arquiteta mulher. Eu
sou uma arquiteta

Arquitetura é um clube
masculino, e o escritório
uma pirâmide com um
arquiteto no topo.

Corrigir esse quadro é uma maneira
de entender mais completamente a
arquitetura e as formas complexas
em que é produzida.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18

Apresentar perguntas
Agrupar nos 6 eixos temáticos
Codificar
Ferramentas e softwares
Limpeza dos dados
Correção de anomalias

DADOS PESSOAIS
(17) 01 - cor/raça
(18) 02 - gênero
(19) 03 - deficiência

RENDA
(02) 04 - fonte(s) de renda
(05) 05 - renda mensal individual
(06) 06 - renda familiar mensal
(27) 07 - nº de dependentes financeiros
(30) 08 - contribuição para a previdência
(03) 09 - imóvel próprio
(04) 10 - carro próprio

FORMAÇÃO
(08) 11 - satisfação com IES de formação
(31) 12 - grau de escolaridade
(32) 13 - outro curso superior concluído
(33) 14 - outro curso superior em andamento
(34) 15 - outro curso superior planejado
(44) 16 - atuação como docente
(07) 17 - participação em eventos de A&U
(11) 18 - conhecimento de informática
(12) 19 - domínio de softwares profissionais
(16) 20 - domínio de idiomas estrangeiros

HÁBITOS/ INSUMOS
(36) 21 - sites prediletos de A&U
(14) 22 - hábito de leitura
(13) 23 - redes sociais frequentadas
(15) 24 - áreas de interesse
(09) 25 - acesso a meios de comunicação
(10) 26 - uso de tecnologia

TRABALHO
(28) 27 - atuação em A&U
(29) 28 - empresas de A&U
(23) 29 - áreas de atuação
(38) 30 - referência de honorários
(42) 31 - tipos de projetos executados
(39) 32 - jornada semanal - A&U
(37) 33 - tipos de contratantes
(24) 34 - opinião sobre o mercado
(25) 35 - opinião sobre tendências
(26) 36 - áreas inexploradas na A&U
(01) 37 - outra atividade fora da A&U
(40) 38 - jornada semanal - outras áreas

POLÍTICA
(35) 39 - acesso aos sites do CAU
(45) 40 - ações esperadas do CAU
(41) 41 - acesso a sites de entidades
(20) 42 - filiação a entidades
(43) 43 - engajamento político
(22) 44 - satisfação na profissão
(21) 45 - obstáculos ao exercício da A&U

INTRODUÇÃO.....5

1.1. Delineamento da pesquisa.....5

1.2. Processamento dos Dados18

- Apresentar perguntas
- Agrupar nos 6 eixos temáticos
- Codificar
- Ferramentas e softwares
- Limpeza dos dados
- Correção de anomalias

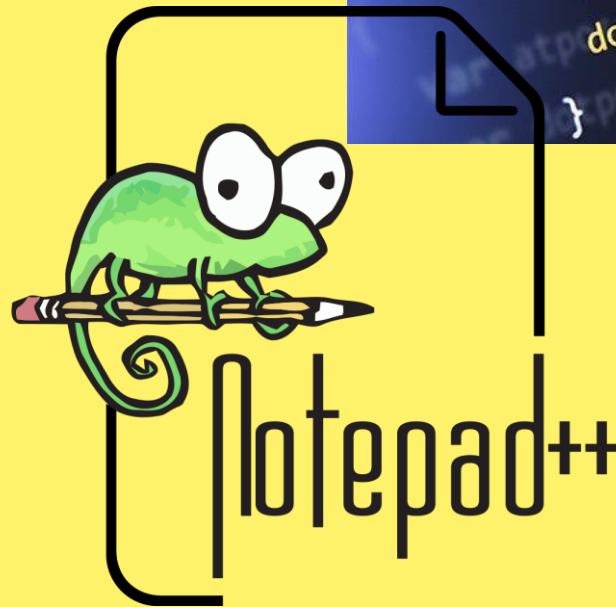
cód.	pergunta	cód.	resposta
0100	Você está trabalhando em outra atividade fora da área da arquitetura e urbanismo?	010001	Sim
		010002	Não
		010003	NULL
0200	Acerca de sua(s) fonte(s) de renda?	020001	Aposentado ou Pensionistas
		020002	Assalariado (sem carteira em áreas não ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020003	Assalariado (setor privado em áreas ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020004	Assalariado (setor público em áreas ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020005	Assalariado (setor público em áreas não ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020006	Autônomo (empreendedor em áreas ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020007	Autônomo (empreendedor em áreas não ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020008	Empresário (em áreas ligadas a Arquitetura e Urbanismo)
		020009	Empresário (outras áreas)
		020010	Outras fontes
		020011	Renda Proveniente de Aluguel
		020012	Seguro Desemprego
		020013	NULL

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18

Apresentar perguntas
Agrupar nos 6 eixos temáticos
Codificar

Ferramentas e softwares

Limpeza dos dados
Correção de anomalias



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24

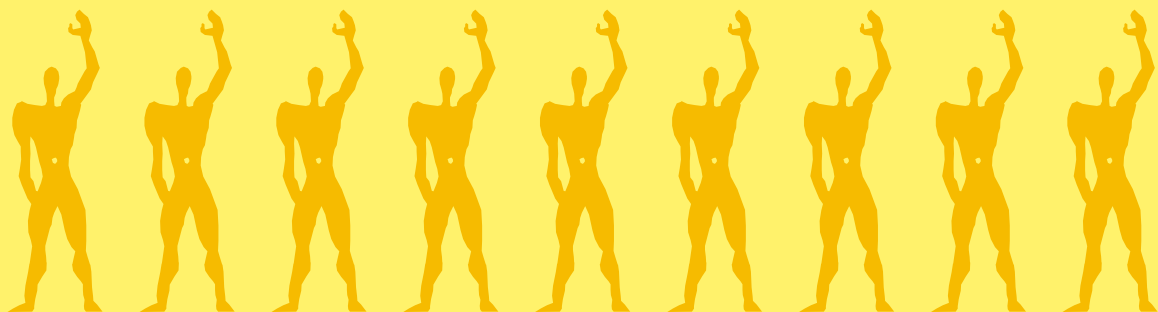
INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24

1º Censo dos Arquitetos e Urbanistas

promovido em 2012 pelo CAU/BR



83.000 (83%) de 99.000 arquitetos e urbanistas



2º Censo dos Arquitetos e Urbanistas

promovido em 2020 pelo CAU/BR



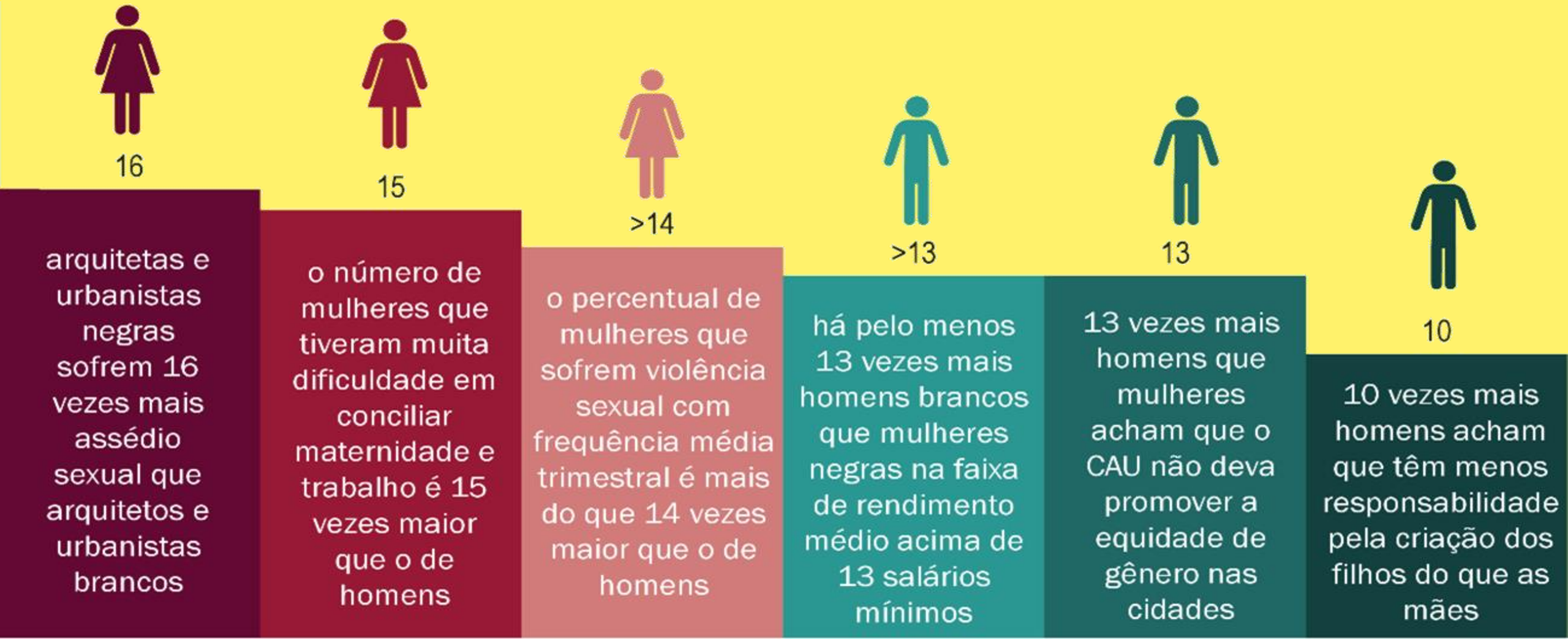
45.383 (25%) de 180.000 arquitetos e urbanistas



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26

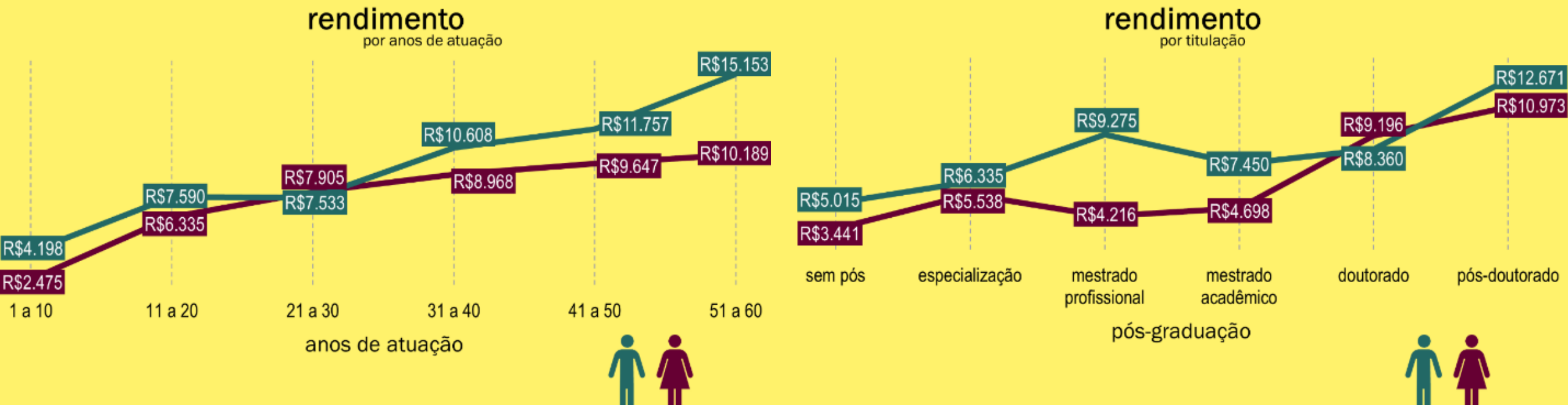
INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos.....	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero.....	26

diagnóstico de gênero



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos.....	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero.....	26

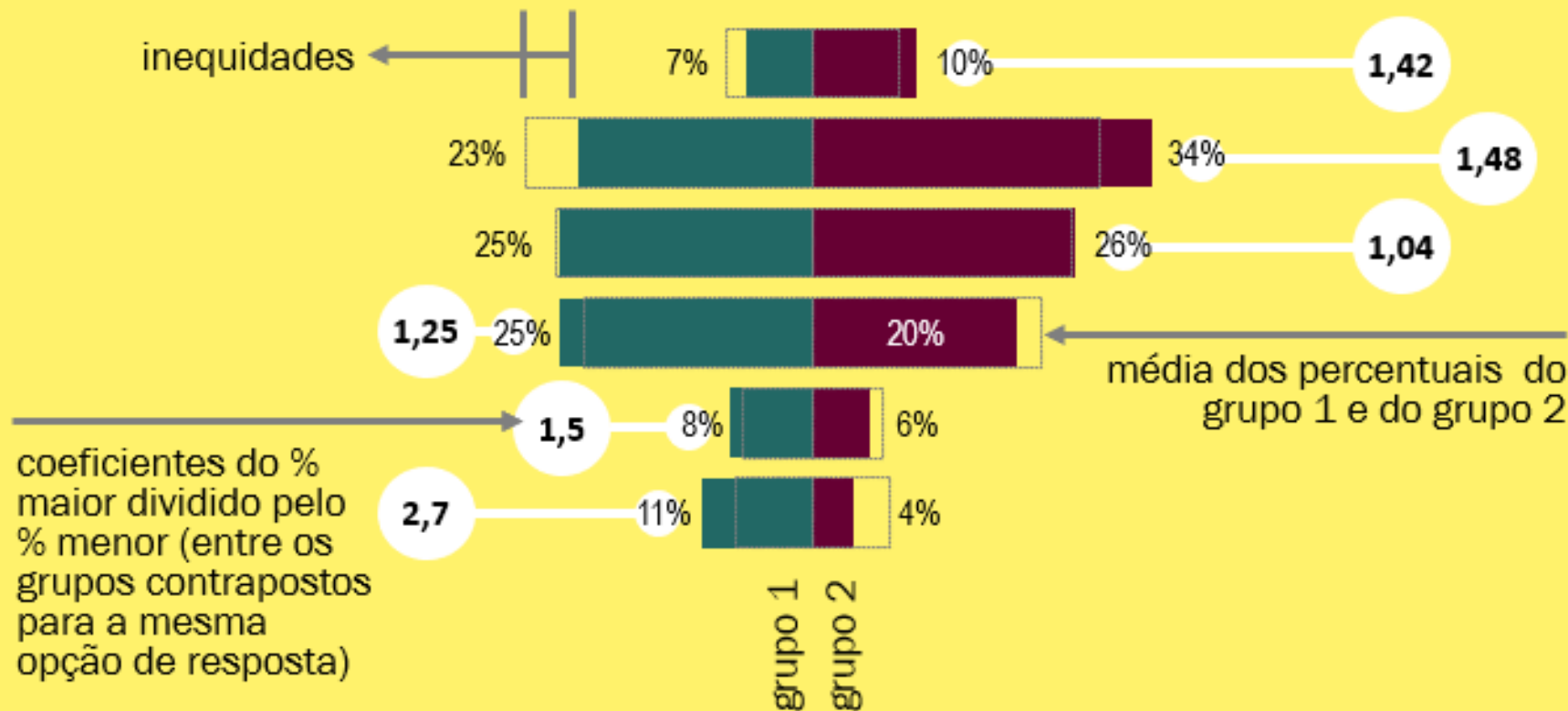
diagnóstico de gênero



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos.....	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero.....	26

diagnóstico de gênero

representação – coeficientes de inequidades



$x < 1,5$
equidade

$1,5 \geq x < 2$
desequilíbrio
refletir

$2 \geq x < 10$
diferença alarmante
reflexão urgente

$x \geq 10$
clara inequidade
política afirmativa

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32

A crise dos modelos do mundo central deu lugar ao pluralismo.



A história é escrita a partir dos interesses do presente e com os instrumentos, pré-concepções e projetos do presente. A historiografia permite a leitura da ideologia do momento.

pensamento moderno

saber é imparcial
oposições binárias
objetividade
determinismo
neutralidade
padronização
centro
universalismo
estruturas estáveis
comportamento é biológico

pensamento pós-moderno

saber é localizado
múltiplas camadas
subjetividade
relativismo
lugar de fala
pluralismo
margens
localismo
estruturas instáveis
comportamento é cultural

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32

O pós-estruturalismo, que teria sua gênese nos trabalhos de Derrida e Foucault, e trabalha com ideias como as **instabilidades estruturais** e o caráter **subjetivo e localizado do processo de significação**

Aceita-se o **caos como parte do mundo**, mas admite-se que não se dispõe ainda de ferramentas para descrevê-lo. Tudo passa a ser então uma experimentação de novas chaves de leitura e todo estudo passa a conviver com suas próprias limitações.



identidade é um
processo de enculturação

significado e identidade são muito
mais efeitos do que causas

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35

Esse feminismo não se limita às “questões de mulheres”, defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas. É por isso que o chamamos de feminismo para os 99%.

Se o feminismo deve liberar as mulheres, ele deve combater todas as formas de dominação porque as mulheres perpassam todas as categorias de pessoas oprimidas.



o objetivo da epistemologia vai além de satisfazer curiosidades intelectuais: ela deve também contribuir para um objetivo emancipatório de expansão da democracia na produção do conhecimento.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo.....	
1.3.1. Os censos	
1.3.2. O diagnóstico de gênero	
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	
2.1. O que nos traz aqui.....	
1.1.1. Epistemologia feminista	
1.1.1. O sujeito normativo	

A hierarquia colonial demarca pessoas negras e racializadas. Assim que começamos a falar posicionam nossos discursos de volta para as margens como conhecimento ‘des-viado’ e desviante enquanto discursos **brancos permanecem no centro, como norma.**

Quando eles falam, é científico, quando nós falamos, não é científico. Universal/específico; Objetivo/subjetivo; Neutro/pessoal; Racional/emocional; Imparcial/parcial; **Eles têm fatos, nós temos opiniões;** eles têm conhecimento; nós, experiências. Nós não estamos lidando aqui com uma “coexistência pacífica de palavras”, e sim com uma hierarquia violenta que determina quem pode falar.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de.....	24
1.3.1. Os censo.....	24
1.3.2. O diagnó.....	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemo.....	35
1.1.1. O sujeito.....	39

Os estudos raciais e feministas, assim como os sobre sexualidade, desviam o olhar das identidades deixadas às margens para formular o centro, revelar e denunciar o seu conteúdo, que até então havia sido privado de uma análise crítica.

Todos nós fomos programados para reagir com medo e ódio às diferenças humanas e a lidar com essas diferenças de determinada maneira, dentre três: ignorá-las e, se isso não for possível, imitá-las se acharmos que são dominantes, ou destruí-las se acharmos que são subordinadas .

A **norma**, segundo Foucault, é um conjunto de características que difere os sujeitos veladamente autorizados a integrar de forma plena a sociedade e aqueles que não. É portadora de uma **pretensão ao poder**; um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento d.....	5
1.2. Processamento.....	18
1.3. Os profissionais.....	24
1.3.1. Os c.....	24
1.3.2. O dia.....	26
2. REFERENCIAIS TEÓR.....	32
2.1. O que nos traz.....	32
1.1.1. Epist.....	35
1.1.1. O su.....	39

Os judeus são “**outros**” para o antissemita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários.

A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de **sistemas de oposições**: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria.

O sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.

Ao se definir um sujeito dos direitos, define-se também o seu oposto: o **não-sujeito**. Os mesmos mecanismos excludentes marcam os corpos desviantes da hegemonia da **heterocisnormatividade**.

Quando as características dos eleitos se desviam em grau significativo daquelas do eleitorado como um todo, algo está errado.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39



O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino branco. Nesse modelo, **homens brancos poderosos definem-se como sujeitos**, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as **mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos.**

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44

INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44

Na sua maioria, as tentativas dos/das historiadores/as para teorizar o gênero permaneceram presas aos quadros de referência tradicionais, utilizando formulações universais. Estas teorias tiveram um caráter limitado, por incluir generalizações redutivas, que se opõem à compreensão que a história é distorcida pelo processo de causação social.

A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e de radicalizar a noção de crítica feminista.



INTRODUÇÃO.....

- 1.1. Delineamento da pes
- 1.2. Processamento dos D
- 1.3. Os profissionais de a
 - 1.3.1. Os censos
 - 1.3.2. O diagnóst

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS ..

- 2.1. O que nos traz aqui...
 - 1.1.1. Epistemolo
 - 1.1.1. O sujeito n
- 2.2. Gênero, Raça e Defic
 - 1.1.2. Gênero

Como poderemos, então, construir uma teoria feminista adequada ou mesmo diversas teorias, pós-modernas ou não?

Onde iremos encontrar conceitos e categorias analíticas livres das deficiências patriarcais? Por um lado, podemos usar a força da razão e da vontade, modeladas pelas lutas políticas, para reunir o que vemos diante de nossos olhos na vida e na história contemporâneas numa imagem conceitual clara e coerente [...]. Por outro lado, é possível aprender a aceitar a instabilidade das categorias analíticas, encontrar nelas a desejada reflexão teórica sobre determinados aspectos da realidade política em que vivemos e pensamos, usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática.

Não há “ciência normal” para nós!

Não há e não se espera que haja **unanimidades**, talvez seja essa a única delas. A pluralidade de significações e interpretações não deve ser entendida como uma fragilidade discursiva, e sim como uma problematização necessária.

As diferenças entre sexo, gênero e desejo operem são baseadas na performatividade, nas **subjetividades (relacionais)**, nos processos de enculturação e nas construções coletivas. **Não se espera coerência entre genitália e identidade ou afetividade**; e não se limitam os corpos a objetivos reprodutivos.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44

tanto o marcador como o
marcado são enquadrados
em um sistema
masculinista, no qual o
corpo feminino sequer
aparece, sendo alienado e
anulado nesse universo

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino.

masculino

universalidade
descorporificada

feminino

corporalidade
renegada



Não há dois gêneros. Há somente um: o feminino; o masculino não sendo um gênero. Pois o masculino não é o masculino, e sim o geral.

Na língua Yorùbá, a categoria 'mulher' sequer existe, não havendo distinções de gênero nem na gramática e nem em nomes próprios.

Em alguns idiomas indo-europeus, além das variações feminina e masculina, o sujeito gramatical pode ser flexionado de forma neutra.

“O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente.

2.2. Gênero, Raça e Classe - Marcadores de diferença

1.1.2. Gênero

o termo '**gênero**' foi historicamente adotado em substituição ao termo '**mulheres**', para incluir na mesma dimensão relacional os homens, sugerindo que ambos deveriam ser marcados pela categoria, diferentemente do que acontece na prática, na qual os homens são percebidos como a regra e as mulheres o desvio.

Em diversos povos tradicionais norte-americanos , acredita-se que alguns indivíduos tenham dois espíritos, corporificando seja o masculino quanto o feminino simultaneamente.



O gênero é muito mais que um ‘fator’ ou ‘dimensão’ de análise, e sim uma ‘marca’ à qual algumas pessoas estão sujeitas por suas diferenças biológicas, linguísticas ou culturais.

Assim, discursos que defendem a relação direta entre sexo (genitália), identidade e atração impõem a “heterossexualidade compulsória”, onde a não coerência entre um e o outro é vista como desvio da norma e até mesmo como enfermidade.

cisgeneridade: identidade daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” a elas. E aqui talvez seja importante uma ressalva sobre os propósitos deste conceito: aqui, não se trata de almejar a criação de uma “identidade cisgênera”

No caso do gênero, há pessoas que se autodeterminam não binárias, travestis (uma vivência exclusiva do contexto histórico-social latino-brasileiro), gênero fluido, *queer*, agênero, e muitos outros.



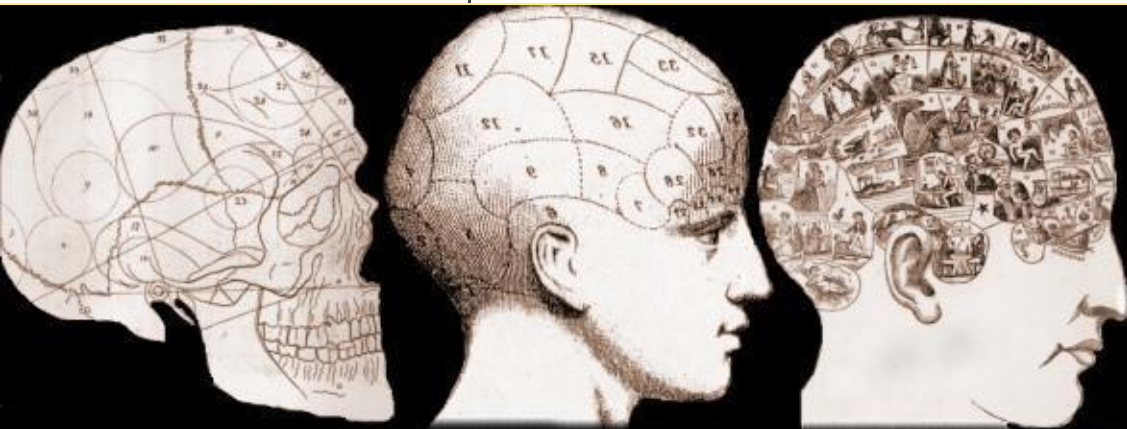
INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44
1.1.3. Raça.....	52

INTRODUÇÃO.....

- 1.1. Delineamento da pesquisa.....
- 1.2. Processamento dos Dados.....
- 1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em núm.....
 - 1.3.1. Os censos
 - 1.3.2. O diagnóstico de gênero

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

- 2.1. O que nos traz aqui.....
 - 1.1.1. Epistemologia feminista
 - 1.1.1. O sujeito normativo
- 2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferen.....
 - 1.1.2. Gênero
 - 1.1.3. Raça.....



Houve momentos na história da humanidade nos quais defendia-se a existência de raças de seres humanos, recorrendo-se a um paralelo com a taxonomia (classificação biológica), em um discurso de enquadramento eurocêntrico, determinista e hierárquico.

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como a base principal para distinguir status e valor. As noções de "bárbaros", "pagãos", "selvagens" e "primitivos" evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa.

Enquanto “raça” não é biologia, o racismo de fato afeta nossa biologia, especialmente a nossa saúde e bem-estar.

Há um pacto narcísico velado entre os brancos (às vezes consciente, mas muitas vezes inconsciente) em prol da manutenção de seus privilégios históricos, da autopreservação e da predileção por seus semelhantes, como se o diferente os ameaçasse enquanto o normal e universal



Se os dados estatísticos seguem demonstrando que a raça figura como fator que condiciona o acesso das pessoas aos direitos fundamentais, o Direito deve continuar pautando a questão racial como mecanismos de reconhecimento das desigualdades e de proteção e promoção dos direitos dos grupos racialmente vulnerabilizados.

Ou seja, trata-se de compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os "outros" racializados, os considerados "grupos étnicos" ou os "movimentos identitários" para o centro, onde foi colocado o branco, o "universal", e a partir de onde se construiu a noção de "raça".

Na dialética da dominação e da resistência, a raça é construída para oprimir, mas não pode ser combatida a não ser pela raça construída para resistir.

IBGE: preta, indígena, amarela, parda ou branca
*Pesquisa das Características
Étnico-Raciais da População 2008*



A autodeclaração é um instrumento de fundamental importância para o sentimento de pertencimento do indivíduo, mas não deve ser considerada um critério absoluto no âmbito das ações afirmativas raciais. Para evitar a chamada “afroconveniência”, ou seja, quando uma pessoa se declara preta ou parda somente para conseguir algum benefício social, a promotora defende que as comissões de verificação são uma etapa necessária na consolidação da política de cotas raciais.

“O branco LGBT, a mulher dita ocidental, a classe trabalhadora e o brasileiro mestiço, jamais declaram que são brancos no Brasil, e deixam de analisar a branquitude auto-invisibilizante para se travestirem ora de não-binários, ora somente de humanos, tendo em vista, biologicamente, raça inexistir.

racismo hierarquiza indivíduos em função de seu fenótipo

discriminação é o racismo em ato

O **preconceito** é um fenômeno menos explícito que não consubstancia ato manifesto.

O **racismo institucional** é a forma mais sofisticada do preconceito, envolvendo o aparato jurídico-institucional.

É o principal responsável pela reprodução ampliada da desigualdade no Brasil.



dentre as maiores
ambiguidades da
classificação racial
brasileira, certamente está
a questão do pardo

o que determina quem é pardo ou
não é o próprio racismo, estando a
sua experiência social muito mais
próxima dos pretos do que dos
brancos. Os corpos no IML não
deixam dúvida sobre a categoria. O
policial nunca se engana.

embora seja mantida a desagregação
dos dados recolhidos, tal como eles
aparecem nas tabulações elaboradas
pelo IBGE, por mulheres negras estará
aqui designada a agregação de pretas
e pardas

A elite intelectual dominante ao
eleger o mulato como símbolo de
brasilidade e sustentáculo da democracia
racial , estabelece o primeiro degrau na
escala daquilo que chama de branquificação
sistemática do povo brasileiro.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44
1.1.3. Raça.....	52

Último país a abolir a escravidão, o Brasil passou do paraíso da democracia racial para o desvelamento do racismo em apenas algumas décadas e ainda manifesta profundas sequelas dessa estrutura de dominação no dia a dia da população não branca.

Fundação Perseu Abramo e Rosa Luxemburgo 2003

89% das pessoas entrevistadas reconhecem que existia racismo no Brasil

96% negaram ser preconceituosos em relação aos negros



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados.....	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos.....	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero.....	26
2. REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	32
2.1.....	32
2.2.....	35
2.3.....	39
2.4.....	44

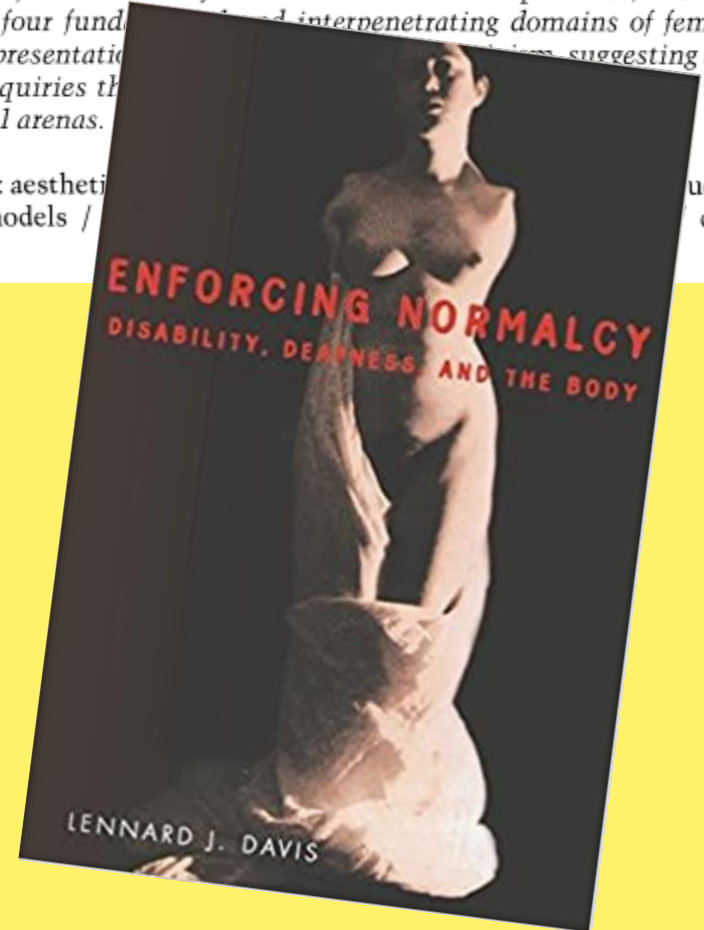


Integrating Disability, Transforming Feminist Theory

ROSEMARIE GARLAND-THOMSON

This essay aims to amplify feminist theory by articulating and fostering feminist disability theory. It names feminist disability studies as an academic field of inquiry, describes work that is already underway, calls for needed study and sets an agenda for future work in feminist disability studies. Feminist disability theory augments the terms and confronts the limits of the ways we understand human diversity, the materiality of the body, multiculturalism, and the social formations that interpret bodily differences. The essay asserts that integrating disability as a category of analysis and a system of representation deepens, expands, and challenges feminist theory. To elaborate on these premises, the essay discusses four fundamental and interpenetrating domains of feminist theory: representation, embodiment, difference, and power. These critical inquiries then suggest some theoretical arenas.

Keywords: aesthetic / fashion models / theory



udies / queer

GM: Como a experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e do sexismo, qualquer análise que não leve em conta a interseccionalidade não pode abordar suficientemente a maneira particular pela qual as mulheres negras são sujeitas à subordinação.

Assim, para que a teoria feminista e o discurso político antirracista abracem as experiências e preocupações das mulheres negras, todo o arcabouço que tem sido usado como base para traduzir a "experiência das mulheres" ou "a experiência negra" em demandas políticas concretas deve ser repensado e reformulado.

a superação das desigualdades geradas pela histórica hegemonia heterocisnormativa e masculina exige igualmente a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como o racismo

1
1.2. Inte

62
nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível.



é por estar afastada da complexidade analítica do projeto decolonial que a interseccionalidade serve às tentativas salvacionistas do feminismo ocidental

No entanto, as análises interseccionais, por si só, pouco provavelmente produzirão soluções políticas mais eficazes para a violência. A análise é importante, mas a ação também importa.

se, por um lado, a interseccionalidade denuncia a tripla discriminação imposta às mulheres negras, ela também legitima o direito moderno, que encarcera em massa homens negros.

“quando entendemos o sistema mundo colonial, todas essas opressões são produzidas pelos sistemas de opressão (...) Quem produziu a negra?

1.2. Interseccionalidade

No entanto, as análises interseccionais, por si só, pouco provavelmente produzirão soluções políticas mais eficazes para a violência. A análise é importante, mas a ação também importa.



INTRODUÇÃO.....

- 1.1. Delineamento da pesquisa.....
- 1.2. Processamento dos Dados
- 1.3. Os profissionais de arquitetura e urba.....
 - 1.3.1. Os censos
 - 1.3.2. O diagnóstico de gênero

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

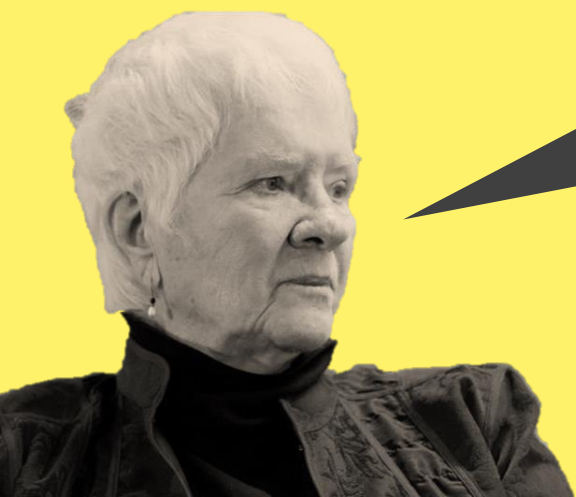
- 2.1. O que nos traz aqui.....
 - 1.1.1. Epistemologia feminista
 - 1.1.1. O sujeito normativo
- 2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcad.....
 - 1.1.2. Gênero
 - 1.1.3. Raça.....
 - 1.1.4. Deficiência.....

- 1.2. Interseccionalidade.....
 - 1.2.1. No entanto, as análises produzirão soluções importantes, mas

A interseccionalidade enfrenta um dilema específico de conceituação – ela participa das próprias relações de poder que examina e, como resultado, deve prestar atenção especial às condições que tornam compreensíveis as suas reivindicações de conhecimento. Como a análise das relações entre conhecimento e poder é o bastião tradicional da sociologia do saber, esse campo fornece um vocabulário teórico importante para conceituar a interseccionalidade como simultaneamente reflexo e estruturadora das relações de poder que a abrigam. Uma estrutura de sociologia do pensamento sugere que o conhecimento – incluindo aquele destinado a uma melhor compreensão da interseccionalidade – é socialmente construído e transmitido, legitimado e reproduzido



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44
1.1.3. Raça.....	52
1.1.4. Deficiência.....	62
1.2. Interseccionalidade	62



é necessário
“começar pelas
vidas
marginalizadas”

Quando elas
entrarem, todos
nós entraremos



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44
1.1.3. Raça.....	52
1.1.4. Deficiência.....	62
3. ANÁLISE DOS DADOS	69
3.1. Metodologia.....	69

DADOS PESSOAIS
(17) 01 - cor/raça
(18) 02 - gênero
(19) 03 - deficiência

RENDA
(02) 04 - fonte(s) de renda
(05) 05 - renda mensal individual
(06) 06 - renda familiar mensal
(27) 07 - nº de dependentes financeiros
(30) 08 - contribuição para a previdência
(03) 09 - imóvel próprio
(04) 10 - carro próprio

FORMAÇÃO
(08) 11 - satisfação com IES de formação
(31) 12 - grau de escolaridade
(32) 13 - outro curso superior concluído
(33) 14 - outro curso superior em andamento
(34) 15 - outro curso superior planejado
(44) 16 - atuação como docente
(07) 17 - participação em eventos de A&U
(11) 18 - conhecimento de informática
(12) 19 - domínio de softwares profissionais
(16) 20 - domínio de idiomas estrangeiros

HÁBITOS/ INSUMOS
(36) 21 - sites prediletos de A&U
(14) 22 - hábito de leitura
(13) 23 - redes sociais frequentadas
(15) 24 - áreas de interesse
(09) 25 - acesso a meios de comunicação
(10) 26 - uso de tecnologia

TRABALHO
(28) 27 - atuação em A&U
(29) 28 - empresas de A&U
(23) 29 - áreas de atuação
(38) 30 - referência de honorários
(42) 31 - tipos de projetos executados
(39) 32 - jornada semanal - A&U
(37) 33 - tipos de contratantes
(24) 34 - opinião sobre o mercado
(25) 35 - opinião sobre tendências
(26) 36 - áreas inexploradas na A&U
(01) 37 - outra atividade fora da A&U
(40) 38 - jornada semanal - outras áreas

POLÍTICA
(35) 39 - acesso aos sites do CAU
(45) 40 - ações esperadas do CAU
(41) 41 - acesso a sites de entidades
(20) 42 - filiação a entidades
(43) 43 - engajamento político
(22) 44 - satisfação na profissão
(21) 45 - obstáculos ao exercício da A&U

gênero

raça

deficiência

norma

cisgênero

gênero

masculino

raça

branco

deficiência

sem deficiência

	norma	marcadores
gênero	cisgênero masculino	transgênero feminino não binárie
raça	branco	negra indígena oriental parda mestiça
deficiência	sem deficiência	física mental intelectual sensorial

	norma	marcadores	correções futuras
gênero	cisgênero masculino	transgênero feminino não binárie	agênero travesti outro
raça	branco	negra indígena oriental parda mestiça	preta amarela
deficiência	sem deficiência	física mental intelectual sensorial	<div> <div>dificuldade de visão</div> <div>dificuldade de audição</div> <div>dificuldade de mobilidade</div> <div>dificuldade de cognição (memória)</div> <div>dificuldade de cuidados pessoais</div> <div>dificuldade de comunicação</div> </div>

	norma	marcadores
gênero	cisgênero masculino	transgênero feminino não binárie
raça	branco	negra indígena oriental parda mestiça
deficiência	sem deficiência	física mental intelectual sensorial

norma

marcadores

gênero

cisgênero

transgênero

masculino

feminino

não binária

raça

branco

negra

indígena

oriental

parda

mestiça

deficiência

sem deficiência

física

mental

intelectual

sensorial

problema:
Inúmeras
possibilidades de
combinações. como
analisar?

norma

marcadores

gênero

cisgênero

transgênero

masculino

feminino

não binária

raça

branco

negra

indígena

oriental

parda

mestiça

deficiência

sem deficiência

física

mental

intelectual

sensorial

solução:

interseccionalidade

+

não hierarquização
de opressões

norma

marcadores

gênero

cisgênero
masculino

transgênero
feminino
não binária

raça

branco

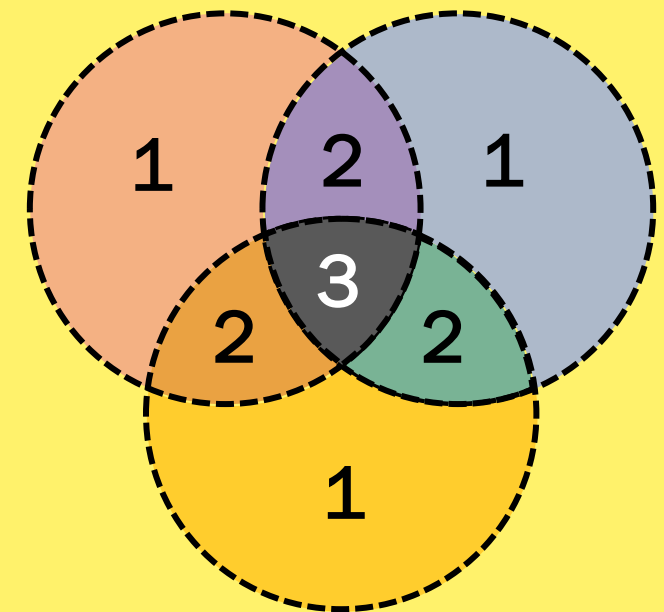
negra
indígena
oriental
parda
mestiça

deficiência

sem deficiência

física
mental
intelectual
sensorial

solução:
interseccionalidade
+
não hierarquização
de opressões



norma

marcadores

gênero

cisgênero
transgênero
masculino
feminino
não binária

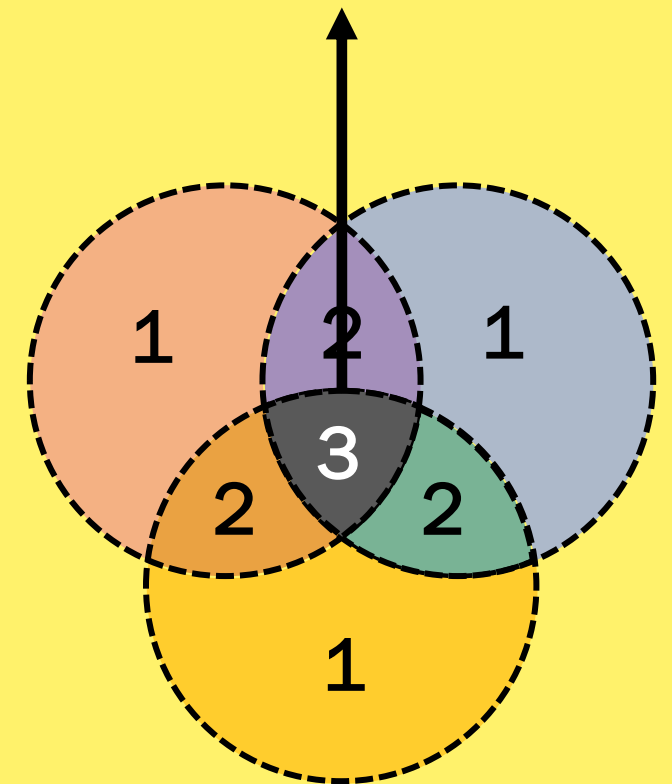
raça

branco
negra
indígena
oriental
parda
mestiça

deficiência

sem deficiência
física
mental
intelectual
sensorial

sujeitos mais vulnerabilizados



norma

marcadores

gênero

cisgênero

transgênero

masculino

feminino

não binária

raça

branco

negra

indígena

oriental

parda

mestiça

deficiência

sem deficiência

física

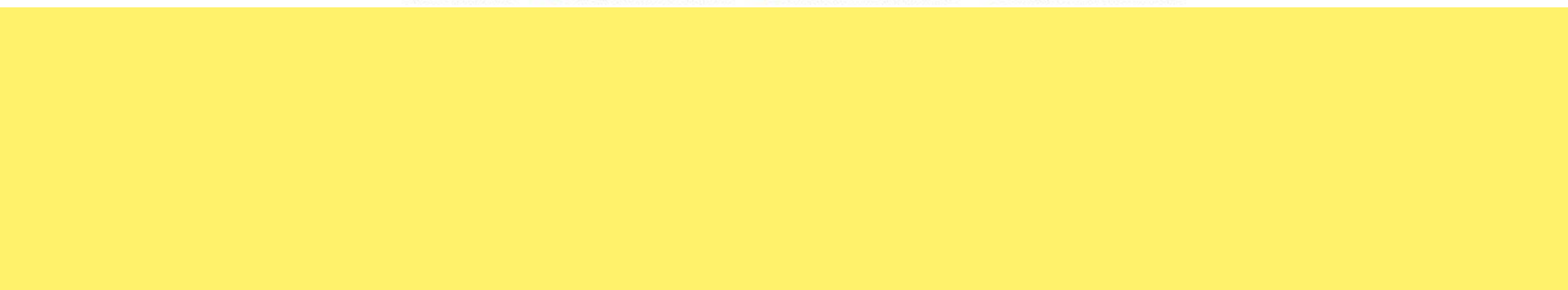
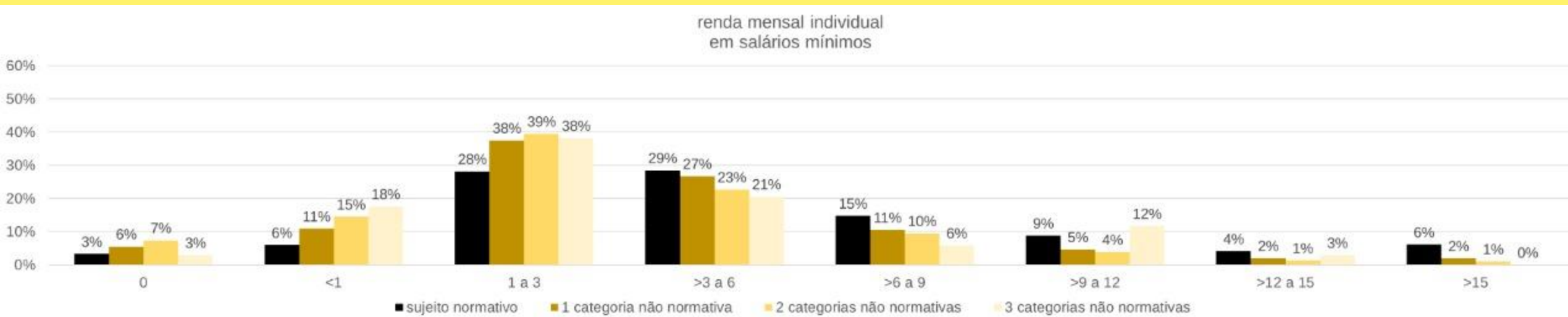
mental

intelectual

sensorial

hipótese:

quanto maiores as sobreposições de marcadores de diferença (nas categorias gênero, raça e deficiência), maiores serão as vulnerabilidades impostas a esses indivíduos ao longo da carreira.



INTRODUÇÃO.....	5
1.1. Delineamento da pesquisa.....	5
1.2. Processamento dos Dados	18
1.3. Os profissionais de arquitetura e urbanismo em números.....	24
1.3.1. Os censos	24
1.3.2. O diagnóstico de gênero	26
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS	32
2.1. O que nos traz aqui.....	32
1.1.1. Epistemologia feminista	35
1.1.1. O sujeito normativo	39
2.2. Gênero, Raça e Deficiência - Marcadores de diferença	44
1.1.2. Gênero	44
1.1.3. Raça.....	52
1.1.4. Deficiência.....	62
1.2. Interseccionalidade	62
3. ANÁLISE DOS DADOS	69
3.1. Metodologia.....	69
3.2. Meu lugar de fala.....	71
3.3. Recortes temáticos.....	72
3.3.1. Dados pessoais.....	72
3.3.2. Renda.....	72
3.3.3. Formação	72
3.3.4. Hábitos/insumos.....	72
3.3.5. Trabalho	72
3.3.6. Política.....	72
CONCLUSÕES.....	72
4.1. Coleta dos dados	73
4.2. Periodicidade.....	73
4.3. Perguntas	73
4.4. Indicadores.....	73

obrigada!

